



**PIER PAOLO PASOLINI, 100 ANOS. COORDENAÇÃO E TRADUÇÃO DE RITA
MARNOTO E ANA BEATRIZ ANDRADE (2023)**

[10.29073/naus.v6i1.857](https://doi.org/10.29073/naus.v6i1.857)

RECEÇÃO: 10 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 14 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Martina Matozzi , Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, martina.matozzi@fl.uc.pt.

1.

A recente publicação do livro *Pier Paolo Pasolini, 100 Anos*, com a coordenação e a tradução de Rita Marnoto e Ana Beatriz Andrade, vem contrabalançar o espaço da receção crítica da obra de Pier Paolo Pasolini em âmbito lusófono, transcendendo a aura de mito que por vezes ainda assombra a figura do artista italiano.

As duas coordenadoras e tradutoras deste volume dedicam grande parte do seu trabalho às relações entre Portugal e Itália. Ana Beatriz Andrade é bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, encontrando-se a desenvolver um projeto de investigação que reflete a receção de Dante Alighieri em Portugal no âmbito do doutoramento em Línguas Modernas: Culturas, Literaturas, Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Rita Marnoto é Professora Catedrática dessa mesma Instituição, na qual leciona Estudos Italianos, Tradução, Literatura e Artes. É coordenadora da mais recente tradução para o italiano da edição *princeps* de *Os Lusíadas*, com Roberto Gigliucci [Bompiani, 2022], Comissária das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís Vaz de Camões, fazendo também parte do “Comitato Scientifico” das Comemorações que a República Italiana instituiu na ocasião dos cem anos do nascimento de Pier Paolo Pasolini. A este propósito, contribuiu com várias iniciativas de estudo e divulgação da obra do artista em Portugal, entre as quais a organização do “XIII Encontro de Italianística. PPPasolini. 100A”, que teve lugar entre 24 e 25 de novembro de 2022 na sala da Biblioteca da Secção de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

É também a partir dos estudos apresentados no colóquio antes referido que as duas coordenadoras organizaram este volume, uma edição da Secção de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que integra a Série “Leonardo”, vencedora, em duas edições consecutivas coordenadas por Rita Marnoto, do conceituado prémio internacional Flaiano (2005). O sétimo número que agora se publica dá continuidade a um conjunto de publicações tão cativantes quanto necessárias no âmbito dos estudos de italianística em língua portuguesa, que ultrapassam, como é característica da coleção, esferas de análise restritas.

Pier Paolo Pasolini, 100 Anos abrange a complexidade contraditória de um artista que fez tudo ao mesmo tempo: ser poeta, romancista, cineasta, argumentista, crítico, ensaísta, artista visual, entre outras atividades, e que, nos seus processos criativos, foi excessivo, escandaloso, polémico, transgressivo, por vezes também conservador, nunca silenciando a sua “disperata vitalità” (p. 15) nem a sua “disperata passione di essere al mondo” (p. 42). Estes versos são muitas vezes repetidos no volume, junto com o trágico desfecho da vida de Pasolini, há 47 anos, quando se juntou à construção póstuma da imagem do artista o mistério ainda não resolvido do seu homicídio, inaugurando, porventura, uma nova fase da sua imagem como ícone, amiúde usada e abusada em apropriações políticas indevidas.



2.

Vem então a propósito o ensaio de abertura de Giulio Ferroni, professor emérito na Universidade de Roma “La Sapienza” e presidente do já referido “Comitato nazionale per le celebrazioni del centenario della nascita di Pier Paolo Pasolini”, que destaca os elos que engendram a corrente entre a figura do poeta como mito — pela “intensidade dramática” (p. 15) que a sua vida e a sua morte ainda hoje transmitem — e o efetivo conhecimento crítico da sua obra. O estudioso propõe uma reflexão sobre a importância e a transversalidade da obsessão pela realidade de Pasolini, assumida em plena indeterminação, quer nas suas criações literárias, quer cinematográficas.

Da atração pelo real passa-se pela questão do tempo, que Giovanbattista Tusa nos apresenta através do que considera o pensamento filosófico de Pasolini. A sua obra, diz-nos o ensaísta, vive de fragmentos e de instabilidade e continua a instaurar um diálogo audaz e corajoso entre passado, presente e futuro, em sintonia com as frequências da nossa contemporaneidade.

Com Maura Locantore, estudiosa da obra da figura em análise e secretária do “Comitato nazionale” voltamos a captar a materialidade da criação do artista, viajando pelos arquivos de Florença, Bolonha e Casarsa della Delizia, terra natal da mãe de Pasolini e pequena cidade da região nortenha do Friuli onde passou a sua juventude e formação. O leitor poderá acompanhar uma análise detalhada de várias folhas autógrafas e cadernos conservados no Arquivo de Casarsa, acrescentando ao seu conhecimento a relevância da primeira produção poética, de facto menos divulgada e estudada.

De Itália voltamos a Portugal através do relato do Professor Catedrático da Universidade de Coimbra António Pedro Pita, autor da recensão de uma recolha de textos de Pasolini traduzida para português em 1977, *Últimos Escritos* [Centelha] que saiu no jornal *Zoom* do mesmo ano, uma publicação do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica da Universidade de Coimbra. As memórias de Pita contribuem para iniciar a alinhar uma clara exposição acerca da receção da sua obra depois do 25 de Abril de 1974 — que também continuará em outros ensaios deste volume — e servem ao autor para delinear uma análise contemporânea de *Últimos Escritos*, em que ressalta o interesse do artista pela alteridade e a marginalidade, num mundo que mudava sob os seus olhos, fazendo deflagrar aquela cultura de massas com a qual tão criticamente dialogou.

Disparidades e assimetrias sociais constituem questões centrais pelas quais passa também a pena de Roberto Gigliucci, que explora a extrema atenção de Pasolini pelos últimos e os inocentes. Valendo-se da curta-metragem *La sequenza del fiore di carta* (1968), o professor da Universidade de Roma “La Sapienza” chama a atenção para a sua voz incansável, interrogando as adversidades que os mais desfavorecidos da sociedade encaram.

O olhar voltado para os mais desfavorecidos leva o Professor de literatura e estética Abílio Hernandez a valorizar outro aspeto que, *a pari passu* com a obsessão pela realidade, resulta crucial para uma visão de conjunto da obra de Pasolini: a sacralidade, no seu sentido poético e utópico. Esta é mais uma via através da qual é possível aceder à complexidade pasoliniana: o sagrado que também é político e que, inequivocamente, não pertence à tão criticada burguesia desse mundo em mudança em que o artista viveu e criou.

De seguida, volta a ser tema de investigação dos três últimos contributos do volume a receção da obra de Pasolini no espaço lusófono.

Rita Marnoto, além de fornecer um sólido quadro acerca das primeiras traduções das obras de Pasolini em Portugal, leva o leitor a percorrer as viagens da edição italiana de *Os Lusíadas* pertencente à biblioteca pessoal do artista, que o acompanhou nas suas numerosas mudanças, servindo esse facto o propósito para referir as escassas, mas relevantes observações que o escritor fez, ao longo do tempo, de Portugal, e sublinhando o pouco tempo que separou o 25 de abril de 1974 da sua súbita morte.



Fecha o círculo o retorno à obsessão pela realidade, analisada no primeiro ensaio de Giulio Ferroni, que ganha mais valor através do estudo comparativo proposto por Ana Beatriz Andrade, num diálogo no qual a intertextualidade dantesca se encontra engatilhada entre *La Divina Mimesis* de Pasolini e *A Divina (Multi)comédia* de Alberto Pimenta, demonstrando a riqueza das trocas luso-italianas e a exigente atualidade de estudos que requerem.

Encerram o volume as palavras de Giovanni Ricciardi, *in memoriam*, (1937–2023), professor aposentado de literatura brasileira da Universidade dos Estudos de Nápoles “L’Orientale” e ilustre mensageiro das relações entre os mundos que falam italiano e português. Além das importantes referências que contribuem para uma reconstrução da recepção da obra de Pasolini no Brasil pós ditadura militar (1985), Ricciardi recorre quer ao exercício comparativo — o escritor que, como Jorge Amado, se serve das experiências linguísticas para recriar a linguagem dos mais marginalizados —, quer aos múltiplos laços que conjugam o mito pasoliniano a uma pessoa indissociável da sua obra, demonstrando, mais uma vez, toda a expressividade de quem, escreve Ricciardi, “se pretende testemunho lúcido da sua época” (p. 132).

3.

Os ensaios contidos em *Pier Paolo Pasolini, 100 Anos* apresentam uma concatenação catalisadora, perpassando uma heterogeneidade que, ao mesmo tempo, é o marco distintivo da vasta obra em estudo neste volume. Acolhem as facetas profusas do artista irrequieto e inquieto, não descurando uma perspectiva crítica e contemporânea, nem os diálogos que ainda é e será possível estabelecer com ela.

A grande fragmentação e a densa rede conceptual que suporta todo o trabalho artístico do poeta italiano são resolvidas com coerência e rigor pelas autoras e pelos autores dos ensaios e guiadas pelas coordenadoras, que fazem remeter a quase totalidade das referências às palavras de Pasolini para os volumes da sua obra completa publicada pela editora Mondadori na sua coleção “Meridiani” entre 1998 e 2003, sob a direção de Walter Siti.

De compreensão meridiana será também a leitura dos aspetos plurais que atravessam a produção de Pasolini a que este volume fortemente contribui.

REFERÊNCIAS

Marnoto, R., & Andrade, A. B. (2023). *Pier Paolo Pasolini 100 Anos*. Secção de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. ISBN: 978-989-8511-10-2.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.